

ATRIBUTOS DO ESPAÇO GEOGRÁFICO *

Deptº de Geografia
Simão Bitar
Universidade Federal do Pará

Analisarei, nesta conferência, alguns atributos do espaço geográfico.

DIVERSIDADE E UNIDADE

O atrativo que a paisagem, ou natural ou humanizada, apresenta ao nosso espírito reside, em grande parte, na sua variedade.

Não é preciso viajar para conhecê-la.

Enquanto escrevo, a janela, ante minha mesa, delineia um quadro que elementos diversos compõem. No último plano, a faixa de escura vegetação, marginando o rio, contrasta com os outros onde, entre o vermelho dos tetos, verdejam árvores e ergue-se a torre de uma igreja.

O geógrafo observará, na primeira etapa do seu trabalho, esta realidade multiforme, e descobrirá nela aspectos velados para o observador comum.

* (Conferência proferida na quarta semana de Geografia, promovida pelo Departamento de Geografia da Universidade Federal do Pará, em 24-30/11/'75.

OBS: A numeração das referências bibliográficas do texto coincidem com a da relação da bibliografia discriminada no final do artigo.

A todos os homens, porém, sempre atraiu este atributo do espaço geográfico. Ele é essencial no desejo de conhecer outras terras, na *Sehnsucht* da qual a primorosa canção de Mignon, na obra de Goethe, se tornou o símbolo, nas perguntas que fazemos à nossa alma: *Kennst du das Land? Kennst du das Haus? Kennst du den Berg und seinen Wolkensteg?*

Está presente na exclamação que irrompeu algum dia em nosso íntimo: *Dahin! Dahin!*

Permitireis inserir aqui uma recordação do estudo da língua russa, o texto escolar no qual é mostrada a diversificação no território da União Soviética: *Sprossim gitelei etoi strani, vasekh srazu, po radio:*

Kakoe u vass vremia goda?

Odin otvetit: "u nass vessna".

Drugoi otvetit: "u nass zima" (1).

Os elementos do espaço geográfico não se justapõem à semelhança de mosaicos; eles se entrelaçam como os fios de uma tapeçaria.

Mesmo antes de Jean Brunhes preconizar, no seu tratado de Geografia Humana, o estudo dos fatos da realidade geográfica ligados entre si e nas suas múltiplas conexões, uma intuição fizera considerar, às vezes, como unidades do trabalho geográfico, não fatos isolados e sim fatos diferentes conjugados, - como acontecia ao estudar-se o clima.

Na existência de todos os seres existentes no espaço geográfico há sempre íntima conexão, já entre os de cada categoria entre si, já entre os de categorias diferentes.

Jean Brunhes exemplifica, numa página que, passado de meio século, tem um sabor clássico: *"S'il est vrai qu'un fleuve ne saurait vieillir qu'en imposant la vieillesse à la contrée qu'il traverse, il agira par l'aplanissement de la topographie jus que sur les phénomènes atmosphériques. Les vents qui viennent battre les versants des montagnes ainsi abaissées auront*

s'élever moins haut pour les franchir; l'air, s'élevant moins, subira une moindre détente, partant le refroidissement en sera moins considérable; une moindre partie de la vapeur d'eau se résoudra donc en pluie. Et l'influence du régime climatique ainsi transformé, s'exerçant sur la végétation spontanée aussi bien que sur les cultures, se traduira dans le monde des êtres vivants. D'autre part, s'il tombe annuellement sur ce relief modifié une plus faible couche d'eau pluviale, il s'ensuit que le débit d'eau courante en est diminué, le travail de l'érosion se ralentira; et parce que le climat, ainsi modifié, aura modifié le ruissellement, l'influence indirecte de l'action érosive du ruissellement sur la précipitation ira s'atténuant. Enfin la vapeur d'eau, qui jadis était précipitée sur ce bassin, sera transportée plus loin; et de l'économie ici faite, un autre compartiment de l'écorce terrestre recueillera le bénéfice" (2).

Corolário desta conexão universal é a unidade terrestre, a superfície da Terra constituindo um bloco indiviso, que só artificialmente nosso espírito pode dividir.

Entre as lendas medievais, encontra-se a da serpente que, unindo a cauda à boca, circundava todo o globo terrestre. Eis um símbolo da unidade terrestre.

RACIONALIDADE E IRRACIONALIDADE

Quando o homem *humaniza* a paisagem, obedece a determinados fatores, a influências diversas, às limitações impostas pelo meio e pela condição humana.

Amorim Girão, em sua *Geografia Humana*, esquematisando os móveis daquela humanização, considera duas grandes categorias: Geografia das necessidades materiais e Geografia das necessidades espirituais.

A primeira abrange, principalmente, os três grupos de fatos geográficos estabelecidos por Jean Brunhes: de ocupação improduti-
va do solo, de conquista vegetal e animal, de economia destrutiva. Compreende a segunda: cultura física, intelectual e moral; exaltação cívica e patriótica; homenagem fúnebre e culto religioso.

Não é descabido lembrar, mais uma vez, a discussão sobre as relações entre o homem e o meio.

Um dos aspectos onde se exprime aquela *racionalidade* é a correlação, a harmonia entre os elementos da paisagem humanizada e o ambiente geográfico.

Isto se observa na história da habitação, na existência de padrões que, a partir de determinados fulcros, se irradiaram pelo mundo.

Em cada tipo básico, existe harmoniosa relação com o meio e íntima associação entre a construção e o material empregado. *"O homem, desde que sentiu a necessidade de se fixar, fez o seu ninho com os materiais que tinha ao seu alcance e sofreu a influência deles. É exato dizer, sobretudo a este respeito, que a matéria dita a forma. Razões de clima e de solo determinaram, segundo as regiões, o emprego preponderante da madeira, da terra ou da pedra. Mas, por sua vez, estes materiais guiam a mão do homem; tendo cada um as suas exigências e, por assim dizer, o seu caráter, imprimem aos estabelecimentos humanos as suas particularidades de formas, dimensões e resistência. Daí resultam tipos gerais que contribuem para o cunho característico das regiões"* (3).

No entanto, se nos ativermos apenas a este elemento da paisagem, quantas contradições entre ele e o meio se podem encontrar, quantas influências estranhas às mesológi-

cas!

Fatores sociológicos, por exemplo, criaram, por toda parte, as *"contresfaçons géographiques"* dos autores franceses.

Contrastes gritantes entre a habitação e o meio circundante, construções de ferro surgidas em lugares como Belém e Manaus, depois que o engenheiro Eiffel construiu, na França, a torre famosa.

Em *"Géographie et Religions"*, Pierre Deffontaine mostra a polimorfa influência das crenças religiosas sobre o abrigo do homem.

Extraí, desta obra exauriente, os exemplos seguintes.

Enquanto a gruta onde se refugiam animais, ou os ninhos dos pássaros permanecem, de geração em geração, inalterados, cumprindo a função primordial de abrigá-los, a casa construída pelo homem exerceu, desde cedo, funções diversas.

Fustel de Coulanges descreveu, por exemplo, em uma página antológica de *A Cidade Antiga*, a importância da função religiosa nas casas da Antiguidade.

Também na forma da habitação se reflete o fator religioso. Ele parece estar presente quando se delineiam, no passado, dois tipos fundamentais, - a casa quadrada e a redonda. A primeira evoca, evidentemente, a orientação, a crença em sua influência benfazeja ou nefasta.

Assim como nem sempre se fundaram as cidades onde o solo era mais fértil, ou mais ameno o clima, e sim também onde um oráculo determinou, as casas não obedeceram sempre, em sua orientação, a mera adaptações à chuva, a sudeste de Oruru, na Bolívia, para quem o sol nascente exerceu ação tiranizadora nos rituais religiosos, construindo as cabanas orientadas em direção ao leste.

As crenças religiosas provocam a existência de dois fenômenos opostos: a concentração ou a dispersão das habitações. Na Idade Antiga, o fogo sagrado criou em torno de si a coesão dos elementos da casa. Às vezes é indistintamente, - sigo a exposição de Pierre Deffontaines - que a religião, responsável por determinada estrutura familiar, afeta a das habitações. Os Mangas de Ubangui, fetichistas e polígamos, têm uma habitação onde são tantas as cabanas quanto as esposas...

A influência das religiões incidiu intensamente em alguns elementos, - "*points névralgiques de la maison*", escreve Deffontaines.

Um deles é o poço, - tão importante na vida de certos grupos.

"Dans l'Inde, l'emplacement du puits est choisi par le devin des eaux: le panikal chez les Parsis de Bombay, le sungu dans le Punjab; on installe tout près l'image du dieu de l'eau; le service du puits est réglementé, on évite de s'en servir le jeudi où la terre est censée dormir. De même, dans l'antique maison chinoise, il était nécessaire de suivre des usages très stricts pour puiser l'eau"(4).

A porta, em muitos lugares, é objeto de religioso respeito, de rituais, de hábitos marcados pela religião. (Como não seria assim? Através dela podem penetrar na casa as entidades malélicas, os mortos deverão transpô-lo pela última vez...).

Muitas precauções cercam o limiar. Veio-nos da Roma antiga o costume de franqueá-lo com o pé direito. Outro aspecto notável é a orientação. A porta volta-se para o Sul na China, para o Leste entre os Incas, para Oeste entre os malgaxes.

Às vezes, para não tornar-se monótona a trama da tapeçaria, os tapeceiros medievais inseriam nela um fio que destoava do seu plano. Assim nós vemos, na tessitura da paisagem,

numa grata surpresa para nosso espírito, elementos que desafiavam as limitações do meio.

MUTAÇÃO E IMUTABILIDADE

É inerente a todas as coisas o transformarem-se continuamente. É hoje familiar para estudantes de geografia a comparação, introduzida nela há algumas décadas, entre as fases da existência dos rios ou das montanhas e da vida humana...

Nas criações humanas, porém, que riqueza de mutações, comparáveis somente às da nossa própria alma, - como Baudelaire exprimiu nestes versos (5):

*- Le vieux Paris n'est plus (la forme
d'une ville Change plus vite, hélas!
que le coeur d'un mortel);*

(Mesmo no âmbito da Geografia Física a sabedoria popular já vira a semelhança com a alma humana, como neste lapidar provérbio alemão:

*Menschen und Wind,
Ändern geschwind.)*

Ao sabor de quantas influências se modificou, amiúde, a paisagem humanizada no mesmo lugar?

Abro ao acaso o livro "*History Builds the Town*", de Arthur Korn. Leio as etapas sucessivas na transformação das cidades inglesas.

A primeira, naturalmente, é a da colônia romana, quando a Inglaterra é dividida em duas partes, a primeira, de natureza militar, e destinada à proteção contra as tribos celtas, estendendo-se nas partes ocidental e setentrional, a segunda, sob administração civil, no restante do país.

O território inglês, nessa época, é assi

nalado pelos apanágios do mundo romano: estradas, acampamentos, casas de campo...

"Durante quase trezentos anos a Grã-Bretanha, reconciliada com o sistema romano, gozou em muitos sentidos dos mais felizes, mais confortáveis e mais esclarecidos tempos que seus habitantes tiveram" (6).

Depois, as tribos anglo-saxônicas trazem para a Inglaterra uma organização na qual as cidades ficarão em plano secundário. Embora não se possa afirmar que cidades como Londres ou York fossem de todo abandonadas, os anglo-saxões que penetram na ilha não tinham como sede do estabelecimento as cidades.

"Even when semi-nomadic pasture farming and crude husbandry gave way to the three-field system of cultivation, these warlike people had no reason to form communities larger than the rural township of fifty to eighty inhabitants. These townships consisted of wattle and clay, and grouped round the log-hall of the chieftain" (7).

Depois a Igreja criará, por exemplo, os mosteiros, núcleos de importância tão grande na vida inglesa.

No entanto, no fluxo desta mutação incessante, formas essenciais perduram, e são constantes no espaço e no tempo. Ante a cidade grega, a romana, a da Idade Média européia, a contemporânea, ninguém hesitaria em classificá-las na mesma categoria.

HOMOGENEIDADE E HETEROGENEIDADE

Referi-me a existência de arquétipos constantes no tempo e no espaço. Isto confere à paisagem humanizada um caráter de homogeneidade, - não, evidentemente, no sentido de ela ser indiferenciada, porém no de apresentar o quadro onde os mesmos elementos, assumindo aspectos diferentes, se repetem. "... a homoge-

neidade é uma consequência da repetição de um certo número de formas, de um jogo de combinações que se reproduzem de maneira semelhante mas não perfeitamente idêntica numa certa superfície" (8).

É tempo de fazer uma comparação.

Acontece, no espaço geográfico humanizado, como se os atributos do criador se transmitissem às suas criaturas. Neste sentido, os elementos da paisagem humanizada são feitos à imagem e semelhança do homem. Mesmo a afirmação permanente de vida, a oposição à morte, características da existência humana, são inerentes ao que o homem cria na superfície terrestre.

Assim, a homogeneidade e a heterogeneidade de da espécie humana refletem-se em criações como a cidade. Como há diversificação mesmo quando dois seres humanos parecem iguais, também diferem, em mil peculiaridades, duas cidades contemporâneas e do mesmo tipo. Entre as cidades brasileiras da mesma época há um ar de família. Em quantos detalhes, porém, elas divergem!

Agrupadas na designação da mesma categoria, em quantos tipos se classificariam as cidades?

Nas religiosas, por exemplo, quantos elementos diferentes constituem o centro de gravidade da atração que exercem? O prólogo dos contos de Chaucer modificar-se-ia de quantas formas, se quiséssemos citá-los todos?

VITALIDADE E MORTE

A analogia que estabeleci entre a paisagem e a alma humana tem seu exemplo mais notável na vitalidade que Max Sorre (9) assinala nas cidades.

Elas, como o homem, se opõem à morte. O grande geógrafo lembra o exemplo de Atenas,

sofrendo as vicissitudes da dominação estrangeira e no entanto ressurgindo numa incessante afirmação de vida.

Cabe ao historiador dizer quanto é rara, neste caso, a extinção. A frase clássica da literatura antiga, *etiam periere ruinae*, muito raramente se pode usar na História. Para Cartago ou Tróia existem centenas de Romas e Atenas.

Se eu levasse mais longe minha comparação, e atribuísse aos elementos da paisagem atributos para exaltá-la como Sófocles, no coro da Antígona, exalçando as obras humanas, teria de acrescentar as palavras finais do trágico, onde fala da morte inelutável.

CONCLUSÃO

Embora seja uma ciência especulativa, a Geografia pode, estudada e ensinada corretamente, ter um fim normativo. O estudo de Shakespeare, o palco da nossa vida, pode tornar melhor o mundo e o homem cada vez mais digno das palavras do poeta:

*Sanctius his animal mentisque capacius
altae*

*Deerat adhuc, et quod dominari in
cetera posset.*

*Natus homo est: sive hunc divino
semine fecit,*

*Ille opifex rerum, mundi melioris
origo,*

*Sive recens tellus seductaque nuper
ab alto*

*Aethere cognati retinebat semina
caeli,*

*Quam satus iapeto mixtam pluvialibus
undis*

*Finxit in effigiem moderantum cuncta
deorum;*

Pronaque cum spectent animalia cetera
terram,

Os homini sublime dedit, caelumque
tueri

Jussit et erectos ad sidera tollere
vultus (10).

R E S U M O

Podemos observar estes atributos no espaço geográfico:

DIVERSIDADE E UNIDADE

Existem aspectos diferentes no espaço geográfico, mas a conexão dos seus elementos forma uma unidade terrestre.

RACIONALIDADE E IRRACIONALIDADE

Algumas influências estão sempre presentes na *humanização da paisagem*, porém não há sempre uma concordância entre seus elementos e o meio geográfico.

MUTAÇÃO E IMUTABILIDADE

A paisagem *humanizada* muda continuamente, porém há, na mutação algumas formas permanentes.

HOMOGENEIDADE E HETEROGENEIDADE

As mesmas formas se manifestam no tempo e no espaço, porém cada manifestação tem suas características individuais.

VITALIDADE E MORTE

Os atributos da paisagem *humanizada* são semelhantes aos do seu criador: as cidades, por exemplo, exprimem uma afirmação de vida e uma oposição à morte.

B I B L I O G R A F I A

- SEMEONOFF, Anna H. *Premières Lectures Russes*, pág. 54.
- BRUNHES, Jean. *La Géographie Humaine*, pág. 18, Paris, 1912, 2a. ed.
- BLACHE, Vidal de la. *Princípios de Geografia Humana*, pág. 215, Lisboa.
- DEFFONTAINES, Pierre. *Géographie et Religions*, pág. 30, Paris, 1948.
- *Les Fleurs du Mal*, "Le Cygne".
- WINSTON, S. Churchill. *História dos Povos de Língua Inglesa*, 19 vol., pág. 31, São Paulo, 1960.
- KORN, Arthur. *History Builds the Town*, pág. 37, Londres, 1953.
- DOLLFUS, Olivier. *O Espaço Geográfico*, pág. 10, São Paulo, 1972.
- SORRE, Max. *Les Fondements de la Géographie Humaine*, Tomo III, Cap. 4, Paris, 1952.
- OVÍDIO, *Metamorfoses*, livro I.